

CULTURA E TRADUÇÃO: A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS LINGUÍSTICOS E NÃO LINGUÍSTICOS NA TRADUÇÃO DA OBRA “IRACEMA”

Gessica Brenda Lima da Silva (UEMASUL)

gessicabrenda@gmail.com

Gilberto Freire de Santana (UENF)

gbfasant@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade analisar a influência dos aspectos linguísticos e não linguísticos da língua inglesa e portuguesa no processo de tradução. Dessa forma, este artigo terá como foco a pesquisa bibliográfica a partir uma análise de trechos da obra clássica brasileira indianista “Iracema” de José de Alencar, a fim de embasar os aspectos teóricos defendidos por autores como Roman Jakobson e Lawrence Venuti. Desse modo, constatou-se que traduzir é uma atividade que requer conhecimentos linguísticos e não linguísticos tanto da língua-fonte como da língua-alvo. Diante disso, é necessário que no processo de tradução observe-se as características próprias de cada língua, além de fatores históricos, culturais e sociais.

Palavras-chave:

**Cultura. Tradução. Língua inglesa. Língua portuguesa.
Aspectos linguísticos e não linguísticos.**

ABSTRACT

This paper has as purpose analyzes the influence of the linguistics and non-linguistics aspects of the English language in the translation process. Thus, this article will focus on bibliographic research from an analysis of excerpts from the classic Brazilian indianist literature book “Iracema: the honey lips” by José de Alencar, in order to substantiate the theoretical aspects defended by authors as Roman Jakobson and Lawrence Venuti. Besides, it was inferred that translating is an activity that requires linguistics and non-linguistics knowledge of both the target language and native language. Therefore, it is necessary that the translation process observes the characteristics of each language, as well as historical, cultural and social factors.

Keywords:

**Culture. Translation. English language. Portuguese language.
Linguistics and non-linguistics aspects.**

1. Introdução

A tradução é uma ciência contemporânea, na qual vários estudiosos trabalharam de forma metodológica para que se pudesse chegar ao conceito atualmente conhecido. A tradução corresponde ao ato de deco-

dificação de um signo para outro com a finalidade de extrair seu entendimento.

A história da tradução não deve ser separada dos escritos relacionados à própria tradução, pois grande parte destes escritos foram resultados de críticas textuais, principalmente em se tratando dos textos religiosos, e mais ainda da literatura, e esta vem sendo alvo de críticas e acabam estampando revistas e jornais com o posicionamento sobre a tradução de determinada obra.

Assim, esta ciência tem um aspecto relevante para qualquer sociedade, pois não é apenas um meio de mediação entre línguas, mas estabelece ainda relações sociais entre culturas diferentes e é um fator determinante para a existência de um idioma.

A tradução vai além de um sistema mecânico de decodificação de signos, cujos fatores linguísticos e gramaticais são excluídos. Assim, há tendências em cada língua que geralmente não se encontra em outra, como por exemplo, uma ter um perfil gramatical maior de subordinação e outra de coordenação.

No momento em que esses fatores são excluídos do processo de tradução, perde-se o real sentido da frase e passa-se a ter um significado palavra por palavra, descontextualizado, que afeta diretamente a compreensão da linguagem oral ou escrita.

O processo da tradução assumiu um papel determinante perante a sociedade, e recebeu uma importância especial em se tratando das novas tecnologias, principalmente com as grandes empresas internacionais que através de transmissões via satélite e por internet, começaram a desenvolver o comércio de forma mais rápida e eficaz, e é por conta disso, que a tradução tornou-se um ponto crucial, grandes empresas em busca de bons tradutores e intérpretes com extrema habilidade para desenvolver tal função.

Os obstáculos enfrentados por tradutores e intérpretes no processo de tradução da língua de origem para língua-alvo são diversos, incluindo fatores linguísticos e não linguísticos. Assim, busca-se minimizar o máximo possível essas diferenças neste processo, pois não é simples entender o que está escrito e ainda o que o autor quis dizer, e mais difícil ainda é transpor para língua-alvo essa nova versão sem macular o original.

Os erros são frequentes. Às vezes é necessário que vários tradutores se disponham a traduzir um mesmo texto dando as diversas versões

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

que conseguem captar, pois se o mesmo texto for dado para pessoas diferentes, este terá traduções diferentes. Entretanto, o mais importante é traduzir até o ponto em que o texto não altere seu sentido, respeitando os elementos estabelecidos pelo seu autor.

Por isso, é necessário trabalhar os aspectos da tradução ligados diretamente à cultura uma vez que, para se ter um maior conhecimento e entendimento de uma segunda língua, é preciso primeiramente conhecer, entender e respeitar a cultura do seu próprio país, para assim, apreciar e conseguir abstrair a essência da cultura e língua de demais países do mundo.

Segundo os mais diversos teóricos, a tradução deve assumir um caráter linguístico e não linguístico durante seu processo de decodificação, entretanto, apesar dessas teorias se multiplicarem com o passar das décadas, ainda é possível encontrar problemas relevantes em todo seu processo. Dessa forma, como é possível que tradutores e estudiosos ainda ignorem os fatores culturais, históricos e linguísticos no decorrer do processo de tradução nos dias atuais?

Portanto, busca-se demonstrar a relevância dos aspectos linguísticos e não linguísticos em uma língua, pois estes podem afetar a tradução em toda sua essência. Os métodos e técnicas atuais nem sempre suprem a necessidade real de compreensão na língua alvo, e os trechos de obras desde os séculos passados até a atualidade demonstram isso.

Por fim, a tradução quase sempre resultará em uma cópia infiel da obra original, pois sempre será dito quase a mesma coisa na língua alvo. Entretanto, o tradutor pode usar todas as dificuldades linguísticas e não linguísticas ao seu favor com a finalidade de fazer qualquer texto verbal ou não verbal compreensível em uma língua estrangeira.

Por isso, este artigo terá como foco a pesquisa bibliográfica a fim de analisar alguns trechos de traduções da obra clássica brasileira indianista “Iracema” de José de Alencar, bem como observar a influência dos aspectos culturais durante tal processo.

2. A tradução como ciência

A tradução consiste no ato de decodificação de signos de uma língua para outra com a finalidade de extrair suas informações. A discussão atual sobre esse assunto diz respeito o quanto pode-se obter da essência

do que foi dito na língua nativa para a língua alvo. É considerada por muitos uma ciência que se refere ao ato de traduzir. Entretanto, há várias distinções sobre seu conceito real. O verbo “traduzir” vem do termo latino “traducere” que segundo Campos (1986) significa “conduzir ou fazer passar de um lado para o outro”.

A tradução existe desde a Antiguidade, entretanto, tal processo como uma ciência desenvolvida por estudiosos é relativamente nova, e iniciou-se nos Estados Unidos com as oficinas de tradução estabelecidas por professores nas universidades, mas de forma metodológica e não como é trabalhada atualmente. Alguns a utilizavam como forma de analisar e interpretar textos, e outros afirmavam que a arte da tradução não pode ser teoricamente ensinada, mas apenas exercida. Este último seria Jonas Zdanys (1987), diretor da Oficina de Tradução de Yale, que modificou posteriormente sua teoria ao perceber que tal afirmação era inválida e aceitou a possibilidade e importância do ensino da tradução de maneira teórica.

Na evolução histórica da tradução chegou-se a pregar que para cada termo ou palavra em seu processo possuiria apenas um significado único e certo. Tal afirmação consiste em falácia, e que contemporaneamente é entendida por tradutores e teóricos, que visualizam que cada tradutor terá uma versão diferente de um texto linguístico ou não linguístico.

Desse modo, o processo de tradução às vezes geram falhas, que podem surgir tanto de uma análise errônea daquilo que se disse, ou daquilo que se quer dizer, ou pode ocorrer por falta de contato cultural com a língua nativa, ou ainda por não equivalência de significado linguístico ou cultural na língua alvo. Desde o período das oficinas de tradução norte-americanas havia uma crítica aos tradutores que preferiam expor aquilo que entenderam da tradução do que realmente decifrar as intenções do autor mantendo suas características, e o resultado equivocado que isso traria aos leitores.

No processo de tradução, o conhecimento cultural da língua nativa é de suma importância para indicar certos conhecimentos que apenas um falante nativo ou alguém muito próximo à cultura da região poderia conhecer. Assim, Ezra Pound (1937), teórico deste período, imergia dentro dos aspectos culturais de uma língua e após isto é que passava a realmente estudar a língua que desejava aprender.

Portanto, segundo Pound, a língua inglesa não passava de uma

ramificação de várias famílias linguísticas, e seria uma língua de origem greco-romana-latina-italiana-francesa-espanhola-inglesa. Ele ainda caracteriza a língua como uma forma de interpor relações sociais entre pessoas. Pound já estabelecia uma característica de suma importância para a tradução: o ideal de que as coisas não possuíam um significado fixo, e que este variava de acordo com a língua, ou seja, a cultura.

Um exemplo de como o conhecimento da cultura importa para o processo de tradução é a tradução do livro “Iracema”, de José de Alencar, para a língua inglesa, realizada por Isabel Burton. Observando alguns trechos do mesmo, percebe-se a tentativa do tradutor em conseguir captar todo o mérito e magnitude dos escritos do autor na língua portuguesa e com referências em Tupi. Dessa maneira, evidencia um dos possíveis motivos que o livro não conseguiu ganhar o destaque fora do país. Os leitores em outros países não conheciam a cultura exposta no livro, e o tradutor, pelo que parece, não foi capaz de transpor tudo que o autor desejou expor, assim, o resultado não foi o melhor possível.

Na primeira tradução britânica desta obra, o título ficou “Iracema: the honey lips. A legend of Brazil”, nessa versão a tradutora Isabel Burton em sua nota inicial expõe sobre a grandeza do autor, e diz “I have endeavoured to be as literal as possible” (BURTON, 1886, p. 3), o que é de fácil compreensão, pois na época da tradução as teorias presentes buscavam ser literais, deixando aspectos linguísticos de fora. Porém, ela deixa claro a diferença das línguas, “our harsh Northern tongue only tells coarsely a tale full of grace and music in Portuguese language” (*Ibidem*, p. 3), afirmando que a língua inglesa conseguiu captar de forma grosseira a história cheia de graça e musicalidade na língua portuguesa. As características próprias de uma língua faz com que seus aspectos nunca fiquem iguais a outra, assim como a própria significação.

Frederic Will (1966) afirma que a língua é criadora da realidade, e a tradução seria exatamente uma forma de nomear as coisas e estabelecer conhecimentos relativizados pela cultura. Os idiomas diferentes são estabelecidos por culturas diferentes, e cada expressão referente àquela realidade tem uma essência, um “eu” expresso nela. A relativização cultural herdada de Pound, a partir de Will tenta impor que a língua é indeterminada pela sua cultura, e a importância dada a ela não diz respeito àquilo que cada palavra significa, mas àquilo que ela faz no meio social. Dessa maneira, não há uma tradução correta, mas apenas aquela que traz o arrebatamento da obra que vai além de sua linguagem denotativa e que se mantém na realidade da língua.

Tradução é por excelência o processo pelo qual o ímpeto por trás das obras verbais do homem [...] pode ser diretamente transferido, prosseguindo, ou continuado [...] Obras de literatura podem ser exemplo altamente organizados desse ímpeto [...] esses blocos se impõem, com o passar do tempo, de uma cultura a outra. (WILL, 1973 *apud* GENTZLER, 2009, p. 54)

Uma vez ou outra no processo de tradução haverá palavras que são intraduzíveis para a língua alvo, assim Pound (1937) em sua teoria de energização da língua diferencia a “logopeia”, que seria uma espécie de sentido conotativo e denotativo intraduzível. Ela estaria intimamente ligada ao espírito do autor, ou seja, sua intenção ao utilizá-la. Nesse sentido, seria possível caracterizar aqueles termos desconhecidos por autores em seu sentido geral como “logopeias”, pois é desconhecida a intenção de uso por parte do autor.

A solução dada por Pound para entender as “logopeias” seria o tradutor transportar-se para o contexto histórico e cultural do texto produzido, a fim de captar toda a sensibilidade e ideologia transposta pelo autor, mas de forma a fazer equivalências contemporâneas. “Não é tanto o que um homem vê, mas sim o que ele quer dizer que o tradutor deve captar. A implicação da palavra” (POUND, 1950 *apud* GENTZLER, 2009, p. 47). O tradutor deve ainda reconstruir a realidade da época, com todas suas peculiaridades, ou seja, suas relevâncias culturais. Pound implica, assim, os objetivos que todo tradutor deve estabelecer para ser bem sucedido em sua finalidade.

1. Discurso (fala) real na versão inglesa.
2. Fidelidade ao original
 - a) Significado
 - b) Clima. (POUND, 1950 *apud* GENTZLER, 2009, p. 46)

Portanto, deve haver na análise do discurso na língua materna uma tentativa de ser fiel aos sentidos e significados estabelecidos na obra original, e para tanto deve-se analisar o ambiente histórico-social-cultural da produção da obra.

Entretanto, Lawrence Venuti (1992) afirma que há uma prática invisível da tradução, em que o tradutor age de forma oculta para manter a voz dos autores e o estilo na cultura da língua alvo. Assim, os tradutores tornam-se secundários e marginalizados, e na maior parte do tempo não são reconhecidos como deveriam, pois os profissionais do ramo exigem uma tradução total da essência do que foi dito no original. Diante dessa situação, outro aspecto criticado por Venuti é o fato de que isto elimina “as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro que o

próprio ato de traduzir alega transpor para a cultura receptora” (VENU-
TI, 1992 *apud* GENTZLER, 2009).

Portanto, o método de Venuti vê as escolhas interpretativas sendo determinadas, em grande parte, por uma vasta ágama de instituições sociais e culturais, muitas das quais os próprios tradutores nem sabem existir. [...] Venuti deixa o processo de tradução mais visível, desmistificando a ilusão de transparência e equivalência e mostrando como os tradutores estão profundamente envolvidos na construção de uma cultura. (GENTZLER, 2009, p. 65)

Nesse sentido, seria a busca pela equivalência de uma cultura para outra no processo de tradução. Os textos, os signos e seus significados e significantes seriam cheios de conotações que poderiam mudar e estabelecer o entendimento das obras, e para Venuti, uma simples escolha de palavra demonstraria inconsciente ou conscientemente o estilo presente na concepção do tradutor, em seu caráter político e ideológico. Mas, o teórico não vê isso como uma espécie de traição ou distorção, mais sim como uma evolução ou força cultural.

Todavia, ao indicar métodos de tradução, Venuti defende a chamada “tradução estrangeirizada” pregando exatamente o que ele nega em sua teoria, ou seja, que a tradução possua uma “fidelidade abusiva” em seus aspectos linguísticos e culturais.

Apesar de todas essas teorias referentes ao processo de tradução, esta ainda não era conhecida como uma ciência propriamente dita. Só havia uma disciplina que poderia abranger todas as características gramaticais, linguísticas e não linguísticas de uma língua: a linguística.

Dessa forma, por volta dos anos 1960, surgiu a teoria linguística de Noam Chomsky tratando sobre a teoria de sintaxe e gramática gerativa, que deu embasamento para Eugene Nida produzir uma teoria da tradução, fazendo com que esta finalmente ganhasse o título de ciência.

Chomsky em sua teoria da gramática gerativa transformacional foca nos aspectos sintáticos da língua, ao afirmar que o falante nativo de uma língua cria certas regras internalizadas que fazem este produzir e modificar seus enunciados, enquanto o falante-ouvinte não tem essa noção, apesar de formar seus próprios enunciados.

A ideia de língua gerativa e transformacional vem de que novas estruturas são criadas a partir de transformações dos enunciados, seja por meio de adição, subtração, substituição, etc. Na análise prática dessa teoria ocorrem pesquisas nas estruturas básicas que vão modificando-se,

transformando-se até chegar à uma estrutura profunda da língua.

A parte inovadora dessa teoria corresponde ao “aspecto criativo do uso normal da língua”, ou seja, o momento em que algum falante produz um enunciado novo que será entendido por outro falante de mesma língua, mesmo se este jamais tenha ouvido tal enunciação anteriormente. Chomsky (1965) afirma que todas as línguas seguem um padrão, mas estas não possuiriam necessariamente uma equivalência de suas formas em outra língua.

A partir dessa teoria, Eugene Nida (1960) formalizou a tradução como uma ciência. Nida iniciou seus estudos com base em suas experiências na tradução da Bíblia, porém como estabelece uma relação extremamente prática ele acrescentou algo de extremo valor à teoria de Chomsky, o contexto cultural. Assim, utilizando de recursos linguísticos e da teoria da comunicação, ele pôde compreender o porquê de o processo de comunicação falhar em certos momentos, pois as relações culturais estavam sendo excluídas.

Contudo, a partir de sua obra “Toward a Science of Translating” (1964), Nida deixou os aspectos teológicos de suas obras anteriores para trás, e estabeleceu a principal diferença entre sua teoria e a de Chomsky: “Chomsky investiga o significado inerente ao signo isolado de um contexto cultural; o interesse primário de Nida não é pelo significado de um signo, mas sim pelas funções do signo em determinada sociedade” (GENTZLER, 2009, p. 81).

Dessa forma, Nida tem um caráter mais funcional da língua, que em sua pragmática abrange tanto as estruturas sintáticas como o contexto social. Ele acredita que a estrutura profunda da língua, ou seja, o signo no contexto cultural pode ser captado a partir de estudos da língua e cultura de forma exegética. O importante não é saber o que o signo representa literalmente, mas sim como ele comunica dentro da sociedade. Nida afirma ainda a importância de o tradutor conseguir captar os detalhes e sentidos praticamente ocultos na obra, e que para tanto este deve conhecer sobre aquilo que traduz.

Ele [o tradutor] deve compreender não apenas o conteúdo óbvio da mensagem, mas também as sutilezas de significado, os valores emotivos significativos das palavras e das características estilísticas que determinam o “sabor e a sensação” da mensagem. [...] Em outras palavras, além de um conhecimento das duas ou mais línguas envolvidas no processo de tradução, o tradutor deve estar muito bem familiarizado com o assunto abordado. (NIDA, 1964 *apud* GENTZLER, 2009, p. 84)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Desde o início do surgimento da tradução como ciência os aspectos linguísticos e não linguísticos sempre foram tópicos importantes, e essas teorias serviram para dezenas de teóricos que surgiram posteriormente. Assim, o processo de tradução deve seguir uma linha de análise cultural, finalística, sintática e social, para que seja possível chegar ao resultado mais próximo do original em suas equivalências. Não importa se o estilo do tradutor seja mais fiel ou livre, todos buscam um resultado semelhante que é a compreensão daquilo escrito ou falado em língua diversa.

Assim, nas análises que seguem é perceptível que há uma falha ao tentar expor as intenções do autor, seja por falta de percepção linguística ou cultural.

Por fim, por meio dessa análise literária será possível demonstrar como os aspectos linguísticos e não linguísticos relevantes ao desenvolvimento da tradução. Ademais, é relevante propor reflexões sobre os atuais métodos e técnicas de tradução, analisar os valores culturais relevantes ao desenvolvimento da tradução em geral e demonstrar a importância da compreensão na língua estrangeira.

Parte-se do pressuposto de que a tradução ainda é motivo de grande repercussão por conta da sua inexatidão de uma língua para outra, será desenvolvido um estudo minucioso e científico com base na pesquisa explicativa que possa levar o receptor a entender as formas de tradução e o porquê das variações existentes nesse processo.

Este artigo tem como foco a pesquisa bibliográfica, no qual serão realizadas pesquisas em livros diversos e que são de grande relevância no que tange a tradução e cultura, como por exemplo, Jakobson, que foi um dos linguistas mais importantes do século XX e que porta teorias e pensamentos que contribuíram significativamente neste estudo.

3. *Análise da tradução de “Iracema”*

A obra de José de Alencar, publicada em 1865, é um romance que descreve a lenda de uma índia brasileira chamada Iracema, e referenciada como sendo “a virgem dos lábios de mel”, e sua relação amorosa com um homem branco português chamado Martim. Além disso, a obra ilustra tanto a história da colonização da América feita pelos europeus, como o surgimento do próprio estado do Ceará, a terra do autor.

A tradução de “Iracema” para língua inglesa sofreu algumas dificuldades em seu processo devido às diferenças da língua-fonte para a língua alvo. Logo no início da obra, em sua versão britânica, é possível perceber os desafios sofridos pela tradutora, principalmente pelas inúmeras notas de tradução no decorrer do texto.

A palavra “saudade” é um dos exemplos clássicos em qualquer assunto sobre tradução da língua portuguesa, pois sua equivalência na língua inglesa simplesmente não existe. Ela está presente no seguinte trecho da obra de José de Alencar: “Enquanto vogas assim à discriminação do vento, airoso, barco, volva às brancas areias a **saudade**, que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa”. (ALENCAR, 2011, p. 34, grifo nosso). A tradução do referido trecho para o inglês ficou da seguinte forma: “But whilst thou sailest thus at the mercy of the winds, graceful barque, waft back to that white beach some of the **yearning**² that accompanies thee, but which may not leave the land to which it returns.” (*Ibidem*, 1886, p. 2, grifo nosso).

Dessa forma, para facilitar o entendimento do significado pelos leitores, Burton fez a seguinte nota de rodapé: “Yearning, in the original *saudade* – an untranslatable Portuguese word for which we have no equivalent; it means a soft sad regret for some person, place, or happy time missed and past – in fac’, the Latin *desiderium*” (BURTON, 1886, p. 2).

Neste trecho, a tradutora busca situar o leitor na cultura linguística do texto original, entretanto, a palavra “yearning” absorve apenas uma ideia de sentimento nostálgico, excluindo toda a força, a real essência que essa palavra possui em sua língua original. Segundo Jakobson (2010, p. 80) “será necessário recorrer a toda uma série de signos linguísticos se quiser fazer compreender uma palavra nova”, ocorrendo, assim, a tradução intralingual, que se baseia em uma interpretação de um signo verbal através de outros signos na mesma língua com o objetivo de se fazer compreender, como no exemplo citado anteriormente.

O uso de palavras que expressam a cultura do povo indígena está por toda a obra de José de Alencar. Então, como deve o tradutor agir para manter a força cultural presente, e ainda conseguir com que o leitor de língua inglesa situe-se não apenas nos aspectos da língua portuguesa, mas ainda nas palavras citadas de origem Tupi?

Os próprios falantes nativos da língua portuguesa possuem dificuldade nesses aspectos, pois seus regionalismos são influenciados ou

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

não pelas culturas indígenas. Assim, a tradutora buscou manter praticamente todas as referências, explicando em suas notas de rodapé. Quando havia uma equivalência da palavra usada, esta fazia a devida adaptação, porém sem deixar de revelar a real palavra na língua portuguesa.

Há uma nota que possui a comparação das três línguas no trecho do texto. Assim, a tradutora dá uma informação extra ao colocar o diálogo também em Tupi, já que a versão original é simplesmente em português. A finalidade deste ato consiste na tentativa de demonstrar rapidamente as questões gramaticais de conjugação verbal no texto original:

Viste (?) vim. The salutation of hospital was-

<i>Tupy</i>	<i>Brazilian</i>	<i>English</i>
Ere wubê.	Tu vieste.	Thou camest.
Pa-aiotu.	Vim, sim.	I came, yes.
Auge-be.	Bemdito.	Be blessed. (BURTON, 1886, p. 7)

O trecho “nem a **baunilha** recendia no bosque como seu hálito perfumado” (ALENCAR, 2011, p. 34, grifo nosso), transformou-se em inglês em “and her breath excelled the perfume exhaled by the **vanilla** of the woods” (Ibidem, 1886, p.3, grifo nosso). A nota de rodapé assim foi dada “The vanilla tree, *Baunilha*”. Neste trecho será analisada não sua estrutura linguística ou de significado, mas como a tradutora buscou sobrepor a cultura na qual a obra se baseia, fazendo suas devidas equivalências em outra cultura, mas sem perder sua essência, tal como defende Lefevere (1975):

A tarefa do tradutor é, justamente, transmitir o texto-fonte, a interpretação original do autor de determinado tema expresso em um número de variações, acessível a leitores não familiarizados com essas variações, substituindo a variação do autor original por seus equivalentes em língua, tempo, local e tradição diferentes. Uma ênfase especial deve ser dada ao fato de que o tradutor tem de substituir todas as variações contidas no texto-fonte por seus equivalentes. (LEVEFERE, 1975 *apud* GENTZLER, 2009, p. 127)

Entretanto, vale lembrar que Holmes (1973) afirmava que a tradução não seria igual o original, e nem sempre possuiria as equivalências perfeitas. Assim, é justo que a tradutora tenha buscado um meio de fazer-se entender que a palavra vai além do conhecido na língua inglesa, e possui um sentido diferenciado no contexto exposto.

Além do problema de equivalência, há o problema de que, às vezes na obra original, algumas palavras geralmente são ocultadas, pois estas não fariam falta ao falante nativo por este já estar familiarizado com

um certo nome próprio. Então, são detalhes como esse que fazem com que o falante da língua alvo perca-se um pouco, e precise novamente de pequenas notas para compreensão. No trecho “[...] e vindos de remota plaga às margens do **Mearim**.” (ALENCAR, 2011, p. 36, grifo nosso), a tradução em inglês é “[...] and coming from the remotest shores to the banks of **Mearim**” (*Ibidem*, 1886, p. 6, grifo nosso).

Os brasileiros falantes da língua portuguesa logo iriam associar tal palavra ao rio Mearim descrito pela tradutora Isabel Burton em sua nota de rodapé “Mearim, a river which rises in Maranhão, and empties itself into the ocean”. (ALENCAR, p. 6). Entretanto, os falantes da língua inglesa poderiam não fazer tal associação sem a ajuda da pequena nota, pois eles não estão habituados com a geografia local.

Mais uma vez fica demonstrado que a tradução ultrapassa não somente as fronteiras da linguagem nela mesma, mas abrange também a cultura, a geografia, a história e os outros diversos estudos que fazem com que o indivíduo possa compreender certos aspectos da sociedade envolvida no processo.

Isabel Burton em um momento de suas explicações chega a comparar o caju, fruta brasileira tão apreciada, com a maçã. É um aspecto típico do tradutor, fazer uma relação com algo de apreciação no país da língua alvo. A nota de rodapé completa ficou da seguinte forma:

Cajú, the cashew of India – a tree with a fruit like an apple: it is singular because, unlike other fruit, its nut is outside at a top, as if a school-boy had stuck it in for fun. This must not be confounded with the *Cajá*, which is another Brazilian fruit like a yellow plum. (BURTON, 1886, p. 7)

Ocorre uma explicação sobre como é a fruta, e sua característica principal, a castanha no topo, e a tradutora ainda brinca com este aspecto. Há ainda uma referência ao cajá, fruta tão diferente do caju que faz com que pareça uma relação estúpida, entretanto, a nota faz-se eficiente para os leitores não familiarizados, e que poderiam ser enganados pela escrita semelhante.

O papel do tradutor vai além de fazer a relação textual da língua fonte para a língua alvo. Ele necessita visualizar o máximo de sentidos presentes no texto, e qual se adequa melhor ao contexto cultural e linguístico. Venuti (1992) criticava a invisibilidade do tradutor, mas essas pequenas notas mostram como ele deve estar presente, e pode explicar não apenas o que está explícito e implícito na obra, o tradutor pode a-

crestar informações importantes que despertem a curiosidade do leitor a respeito da cultura da língua fonte.

4. Considerações finais

A tradução é um processo de decodificação de signos de uma língua nativa para uma língua-alvo, buscando a compreensão daquilo que é escrito ou falado em língua diversa. Porém, desde o surgimento deste ato como ciência há discussões a respeito de métodos e modos de traduzir, e ainda sobre a consciência que o tradutor deve possuir para não macular a obra original.

É fato que o conhecimento cultural da língua nativa é de suma importância para indicar certos conhecimentos específicos que apenas um falante nativo poderia identificar.

Partindo desse pressuposto, foi feita uma pesquisa aprofundada nos aspectos teóricos e metodológicos de diversos doutrinadores do processo de tradução, entretanto, houve a necessidade de atrelar a teoria com a prática para vislumbrar as diferenças entre a língua portuguesa e inglesa em todos seus aspectos linguísticos e não linguísticos. Assim, foi realizada uma análise de trechos da obra clássica brasileira indianista “Iracema” de José de Alencar.

Na análise realizada pode-se perceber diversas falhas por parte de tradutores, não causadas apenas por falta de conhecimento léxico ou semântico, mas também por desconhecimento de determinado aspecto cultural, linguístico, histórico ou social.

Ao final, deste estudo, pode-se inferir que traduzir é uma atividade que requer conhecimentos linguísticos e não linguísticos tanto da língua-fonte como da língua-alvo, e que a tradução como ciência tem parâmetros que precisam ser respeitados, para que seus objetivos sejam atingidos.

Dessa maneira, com a pesquisa pôde-se comprovar as teorias estabelecidas pelos autores citados, como Jakobson e Venuti, na qual as características próprias de cada língua e cada cultura influenciam no processo de tradução. Assim, o tradutor em qualquer processo de tradução deve ter conhecimentos amplos tanto da língua nativa quanto da língua alvo, além é claro, de seus aspectos históricos e sociais das obras em seu período de criação.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Por fim, o processo de tradução muitas vezes demonstra ser “im-perfeito” linguisticamente por conta das variações típicas de cada língua. Portanto, é frequente perceber-se que vários tradutores fazendo a tradução de um mesmo texto dificilmente obtêm o mesmo resultado. Logo, os tradutores devem ir além do ato de transpor palavras de uma língua para outra, deve ser também um pesquisador dos aspectos históricos, linguísticos e culturais do meio onde surgiu o texto a fim de entender o que se precisa atingir para manter a essência cultural e linguística da obra original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José de. *Iracema*; Cinco Minutos. São Paulo: Martin Claret, 2011. (Coleção obra-prima de cada autor, v. 6)

ALENCAR, José de. *Iracéma: the honey-lips, a legend of Brazil*. Tradução de Isabel Burton. London: Bickers, 1886. Disponível em: <http://archive.org/stream/iracmahoneylip00alenuoft#page/n5/mode/2up>. Acesso em 10 de set. de 2019.

CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GENTZLER, Edwin. *Teorias contemporâneas da tradução*. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

LARA, Gláucia Muniz Proença; COHEN, Maria Antonieta. *Linguística, tradução, discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

OUSTINOFF, Michaël. *Tradução: História, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola, 2011.